



Câmara Municipal
Vila Real Sto. António

Centro de Investigação e Informação do
Património de Cacela
Divisão de Cultura e Património

NOTA DE EDIÇÃO:

A 39ª edição de “O Tomilho” dá destaque à tradição dos Maios que voltou a ter lugar este ano em Santa Rita e Manta Rota.

Neste número damos conta das actividades culturais e educativas desenvolvidas nos meses de Março e Abril.

Célia Freitas, ceramista em Monte Gordo, é a artesã da *Página do Artesão*. Descubra a sua arte!

Os enxovais e as antigas tradições e crenças ligadas ao casamento são os temas da rubrica *Memórias e Saberes* e os *Objectos com História* estão também intimamente ligados a este património, tal como o conto que divulgamos na rubrica *Património Oral*.

A receita desta edição, partilhada por Maria Teresa Mascarenhas, faz jus ao atum, mostrando uma das inúmeras formas de o cozinhar.

Para terminar, divulgamos actividades que estão agendadas para os meses de Maio e Junho. Boas leituras e até

... Julho!

NESTA EDIÇÃO:

<i>Os maios voltaram a Santa Rita e à Manta Rota!</i>	1
<i>Aconteceu...</i>	2
<i>Página do Artesão</i>	6
<i>Objectos com História</i>	7
<i>Os enxovais de antigamente</i>	8
<i>Antigas tradições e crenças ligadas ao casamento</i>	12
<i>Receita</i>	14
<i>Património oral</i>	15
<i>Vai acontecer...</i>	16

O Tomilho

EDIÇÃO BIMENSAL
NÚMERO 39

MAIO/JUNHO
DE 2022



SANTA RITA

Os Maios voltaram a Santa Rita e à Manta Rota!



Os maios são uma das tradições festivas com mais expressão na região. Bonecos e bonecas representando pessoas, em tamanho natural, com dizeres em prosa ou verso, são feitos pelas populações e, no primeiro dia de Maio, logo ao amanhecer, são colocados na rua, à porta das casas. São reminiscências de costumes arcaicos ligados ao fim do Inverno e ao eclodir da Primavera.



O Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela / Câmara Municipal de Vila Real de Santo António retomou a organização dos Maios na aldeia de Santa

Rita, depois de dois anos de interregno em virtude da Pandemia de Covid 19. Este ano, os habitantes aderiram ao desafio de “adoptar” um ou mais maios já realizados em anos anteriores, dando-lhes uma nova vida a partir de uma quadra escolhida (feita pelos próprios habitantes ou a partir das quadras do concurso realizado em 2019). Os maios saíram à rua garantindo-se um forte envolvimento dos habitantes da aldeia (fiel ao espírito desta tradição festiva noutros pontos do Algarve).

ACONTECEU...

Na aldeia decorreu ainda uma Feirinha de Artesanato e Produtos Regionais organizada pela “Associação Santa Rita. A Nossa Aldeia”, associação criada em Dezembro de 2021 por habitantes da aldeia e arredores.



Na Manta Rota, a Associação de Beneficência «A Manta» voltou a dar vida à tradição dos Maios, que puderam ser apreciados ao longo da rua pedonal da Manta Rota, no Largo do Antigo Casino e na Avenida Dr. Luís Medeiros Antunes. Maria Cândida Justo é a grande mentora dos Maios nesta vila e continua a surpreender os visitantes com a sua mestria nesta arte.



OFICINA CAÇA - SONHOS

Dia 13 de Março realizou-se a oficina “Crie um caça-sonhos” nas instalações do CIIPC, Antiga Escola Primária de Santa Rita, dinamizada pela artista plástica Joana Rocha. A partir da estrutura até à decoração com diferentes materiais (madeira, linhas, pedras, fitas, arame, fios e as tradicionais penas), os participantes construíram o seu caça-sonhos personalizado. Nesta oficina ficaram a conhecer melhor este objecto mágico, os elementos que o constituem e o que significam.



OFICINA DE PÁScoa - VAMOS CONSTRUIR UM MAIO!

Durante as férias escolares da Páscoa, o CIIP Cacela voltou a realizar uma oficina para os mais novos dedicada à elaboração de Maios. Durante a manhã de dia 12 de Abril, os participantes vieram conhecer a tradição dos Maios, as suas origens e as várias manifestações na região algarvia, partindo depois para a elaboração de 4 maios (um pescador, a sua mulher, uma professora e uma aluna) com a roupa e acessórios disponibilizados pelo CIIPC mas também trazidos pelos participantes.

Todos estes maios foram depois expostos na rua no dia 1 de Maio, retratando quadras alusivas a estas profissões.



PASSOS CONTADOS

“Fauna e flora nos sistemas dunares de Cacela” foi o tema do primeiro passeio realizado no dia 3 de Abril, no âmbito do Ciclo Passos Contados - percursos pedestres de interpretação da paisagem. Este passeio, realizado entre a Manta Rota e a Ribeira do Álamo, contou com a orientação das biólogas Ana Moura e Paula Moura. Com estas investigadoras, ficámos a perceber a importância das dunas na proteção da nossa faixa costeira bem como a biodiversidade deste sistema tão importante e, simultaneamente, tão frágil. Um grande agradecimento a ambas pela sua partilha de conhecimentos que tanto nos enriqueceram.



MERCADINHO DA PRIMAVERA



Cacela Velha voltou a receber o primeiro dos quatro Mercadinhos realizados anualmente, este dedicado à Primavera. Perto de uma centena de artesãos e produtores alimentares, vindos de vários pontos da região do Algarve e alguns de Andaluzia, encheram a vila de cor, cheiros e alegria, num dia marcado por muito sol.

Tivemos também uma animada área de produtos em 2ª mão, com roupas, calçado, decoração, livros entre outros produtos.

No início do Mercadinho, realizou-se a procissão de Ramos, tradição do Domingo de Ramos, organizada pela paróquia de Cacela Velha.

O Tomilho partilha aqui alguns dos momentos vividos no Mercadinho da Primavera.

O próximo será o de Verão, no dia 2 de Julho, entre as 17h00 e as 22h30.



Oferta Educativa - Actividades com as escolas

Desde o início do 2º período escolar até final de Abril, o CIIPC desenvolveu várias actividades educativas com o público escolar do concelho abrangendo um total de 226 alunos: 105 dos Jardins de Infância, 85 do 1º ciclo e 26 do 2º ciclo.

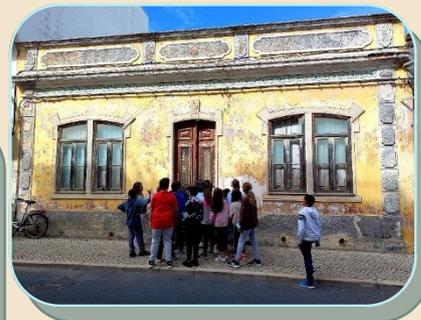
Recebemos 5 turmas de jardins de infância para a acção educativa **O que a terra nos dá. Para que servem as plantas?**, realizada no Jardim representativo da flora do Algarve, Várzea de Cacela, em colaboração com Teresa Patrício, mentora e cuidadora deste espaço.



Iniciámos o projecto educativo **As profissões e a água** com 2 turmas do 1º ciclo da EBI Manuel Cabanas de Vila Nova de Cacela tendo realizado 2 das 3 actividades propostas: Sessão de apresentação do projecto com a dinamização de jogo e a visita ao terreno com pessoas da comunidade que partilharam a sua experiência nas tarefas quotidianas ligadas à água. Agradecemos em especial a Odete Nascimento e a Maria José Gil Regato pelas suas preciosas colaborações. Sublinha-se que este projecto se integra no projecto **“Meter Água”**, que está a ser dinamizado em vários museus que fazem parte da RMA - Rede de Museus do Algarve.



Com as 2 turmas do 5º ano da EB2,3 D. José (VRSA) e com o 4º ano da EBI Manuel Cabanas (VNCacela) iniciámos o projecto educativo **Cal, cor e platibandas na arquitectura popular algarvia** com a concretização de 2 das 3 actividades propostas: sessões de apresentação com diaporama nas escolas e visitas de campo para descoberta da arquitectura popular algarvia e em especial as platibandas.



PÁGINA DO ARTESÃO

Célia Freitas, ceramista



NOTA BIOGRÁFICA

Célia Freitas nasceu em Estremoz, em 1966.

Aos 20 anos começa a trabalhar em cerâmica, ofício que aprendeu com o seu marido, artesão de esculturas em madeira, saber-fazer que lhe foi transmitido pelo seu pai.

Em 2016 muda-se para Monte Gordo e abre um espaço que designa “Atelier de memórias e tradições”, na loja que herdou da sua mãe, numa das principais ruas desta vila.

Este espaço é um atelier e loja onde a artesã realiza e vende os seus trabalhos, mas também obras de ceramistas do Algarve e de outras regiões do país.

Neste espaço podemos ainda contemplar uma bela colecção de peças e brinquedos antigos.

SOBRE O SEU OFÍCIO

O seu trabalho como ceramista tem por base o figurado de Estremoz mas introduz inovações nas suas próprias criações. O seu tema de trabalho de eleição são as profissões antigas tendo já tido uma encomenda de 75 profissões antigas, do séc. XVIII.

Utiliza como matéria-prima o barro oriundo de S. Pedro de Corval (Évora).

As peças com cor, são pintadas depois de cozidas com tinta de água não necessitando de voltarem a ir ao forno. Já com as peças vidradas, após cozedura, levam o tratamento de vidrado e voltam novamente ao forno.

Trabalha sobretudo por encomenda, maioritariamente de peças de cariz religioso (santos, presépios, etc), tendo como principais clientes os coleccionadores de várias regiões do país.



Contacto: 960 463 235

**Atelier Memórias e Tradições - Rua Pedro Álvares Cabral,
n.º 30, loja 1
Monte Gordo**

OBJECTO COM HISTÓRIA

MOSTRUÁRIO E CADERNO DE AMOSTRAS DE COSTURA E BORDADOS



DESCRIÇÃO E FUNÇÃO

Os mostruários e cadernos de amostras são objectos que reúnem um conjunto de pontos de bordados ou de costura e servem para registar os vários pontos e/ou motivos e caligrafias aprendidos pelas meninas que depois iriam servir como modelo para bordar peças de vestuário (golas de blusas ou roupa interior, lenços, bibes) e roupas de lar (lençóis, toalhas de mesa, guardanapos,...).

Os mostruários, em particular, mais antigos, materializam-se num pedaço de pano cru ou linho sobre o qual eram bordados (predominantemente em ponto cruz) vários desenhos e letras. Estas últimas tinham uma importante função educativa, sendo uma forma das meninas aprenderem o abecedário enquanto o bordavam.



Os cadernos de amostras são constituídos por um conjunto de folhas ou cartolinas sobre as quais são colados as várias amostras de técnicas de renda ou pontos de bordados realizadas pelas meninas ou senhoras. As folhas são encadernadas manualmente, unidas por uma fita e colocadas numa capa mais grossa revestida com tecido bordado.

DADOS HISTÓRICOS

Estes dois objectos fazem parte do espólio do Museu do Traje de São Brás de Alportel, pertencente à Santa Casa da Misericórdia desse concelho. O mostruário data de 1889 e tem as iniciais MEE, possivelmente as iniciais da pessoa que o bordou.

Esta tipologia de peças reporta-se aos séculos XVIII, XIX e início do século XX, e era usual em todas as casas de famílias mais abastadas, europeias e americanas, fazendo parte integrante da educação das meninas. Servia de manual de aprendizagem que as mães passavam às filhas para as tornar donas de casa e mães de família exemplares. Mais tarde, estas aprendizagens são transferidas ou repartidas com a escola, que passa a ter uma disciplina dedicada aos labores e onde os cadernos de amostras passam a ter um papel importante enquanto manual e dossier de aprendizagem.

MEMÓRIAS E SABERES

Os enxovais de antigamente



Tirada em meados dos anos 50 no alpendre de uma casa à entrada de Santa Rita, esta fotografia, da autoria de Manuel José Batista, ilustra um momento de intimidade e partilha feminina, nomeadamente entre a mãe Rita Santos e as filhas Maria Raquel Batista, a jovem do lado esquerdo, e Maria José Batista, sentada entre a mãe e a irmã mais velha. Rita Santos encontra-se a tricotar e a filha Raquel a bordar com bastidor, possivelmente uma peça para o seu enxoval.

Este momento entre mãe e filhas dedicado aos trabalhos era uma prática comum até há uns anos atrás, extremamente importante no crescimento das meninas e na realização do seu enxoval, dote constituído por roupas do lar que iriam ter serventia na nova casa depois do casamento. Autores como Duby (1989) referem que na Idade Média “o enxoval tradicional de uma noiva, (...) deveria ser composto por artigos têxteis de cama, mesa e banho e utensílios do lar necessários à vida numa nova casa. Confeccionados à mão pelas próprias meninas e demais mulheres da família, essas peças traduziam o rito de passagem que transformava as filhas meninas em mulheres, donas de suas próprias casas.” (PINTO, D., BARBOSA, R. e MOTA, M^a Dolores (2010), “Enxoval de noiva e a e a Moda – Da Dádiva ao Homewear” in *Modapalavra E-periódico*, Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil.

A confecção do enxoval é uma prática feminina que acompanha a transição de menina para mulher, passando esta tradicionalmente conduzida pelas mulheres da família: mães e avós.

A palavra enxoval é de origem árabe e advém da palavra **snüar**, que significa dote de casamento em árabe. Em França, o costume do enxoval, tem a designação de **trousessau**, que advém da palavra **trousse**, embrulho com pertences que as noivas levavam para o novo lar depois do casamento.

Pesquisando esta realidade nas histórias de vida de algumas mulheres da freguesia de Cacula, nascidas

entre 1940 e 1950, constatamos que a elaboração do enxoval se iniciou depois de terminada a escola primária, entre os 10 e os 12 anos. Embora as investigações sobre esta temática apontem a concepção do enxoval como parte integrante dos ensinamentos de mãe para filha, na realidade que encontramos, as aprendizagens de bordar, coser, fazer renda, entre outras, são feitas com outras mulheres fora do seio familiar, bordadeiras ou costureiras de profissão (D. Noémia do Sítio da Fábrica, D. Vitorinha que viva perto da passagem de nível da Nora, entre outras).

Maria Teresa Campinas e Maria Conceição Pereira tiveram oportunidade de aprender a bordar à máquina através de cursos gratuitos promovidos em Cacela nos anos 50 e 60 por marcas de máquinas de bordar como a Oliver ou a Singer. “Traziam as máquinas e as pessoas iam aprender. Eles emprestavam as máquinas mas eu já tinha. Tinham uma professora para nos ensinar.” (MTC, 81 anos, Cacela). Os bordados dos seus enxovais foram todos feitos à máquina com excepção de um ou outro bordado feito à mão, em ponto cruz, que aprenderam a fazer logo após terem terminado a escola.

Quem seguia os estudos, tinha na escola aulas dedicadas a estes trabalhos. Costura, tricôt, crochet e bordados faziam parte do conteúdo destas aulas e as meninas criavam os seus cadernos com amostras dos pontos aprendidos. (ver rubrica *Objecto com História*)



N.º 1 da revista **Para Ti**, Agosto 1952

As mães das senhoras entrevistadas trabalhavam todas no governo das suas casas ou para fora não tendo disponibilidade para passarem os seus conhecimentos às filhas. Rita Santos, a

mãe que surge na fotografia, tinha sobretudo dotes para o tricôt e crochet, tendo elaborado uma série de vestimentas para as suas filhas. Já a costura era a profissão da sua mãe, mentora das suas netas na transmissão deste saber-fazer, e que marcou o percurso profissional da neta Maria Raquel Batista.

A ideia do enxoval ser elaborado em conjunto entre mulheres da casa, que seria uma prática comum em tempos mais antigos, sobretudo em famílias de classes sociais mais abastadas, não parece, localmente e neste período a que nos reportamos, ser uma prática comum. Tirando as irmãs Maria Raquel e Maria José que surgem na fotografia e que elaboraram os seus enxovais juntas, para as outras senhoras entrevistadas, a elaboração do enxoval foi um processo solitário, sobretudo à noite com o candeeiro a petróleo ou durante o dia, em períodos de pausas escolares (para quem seguiu os estudos, como é o caso de Suzel Bento).

A compra de tecidos, linhas e demais acessórios para a realização do enxoval era feita em retrosarias ou lojas de tecidos em Tavira, Vila Real de Santo António ou mesmo em Cacela. Havia também a venda ambulante para quem tinha dificuldade em deslocar-se. “Vinha um senhor de Faro, dono de uma loja, chamado Alfredo Pinto. Vinha parece-me que era de 15 em 15 dias, primeiro em carro de mula onde trazia tecidos para vender e juntavam-se lá na Fazendinha várias pessoas dos arredores. Depois começou a vir de transporte motorizado. Trazia todo o tipo de tecidos, trazia amostras e depois as pessoas escolhiam e ele tra-



Caderno de trabalhos de uma aluna de 2.º ano, espólio do Museu do Traje de S. Brás de Alportel

Outra fonte de aprendizagem e de inspiração eram as revistas de bordados. Maria Teresa Campinas assinava a publicação **Para Ti**, revista que ainda hoje se encontra nas bancas e faz 70 anos de existência. A revista comprada era depois partilhada entre outras meninas da mesma idade de modo a rentabilizar a compra.



Lençol com renda e bordado feito por Rita Santos

zia na vez seguinte. Linhas, botões e tudo isso.” (SB, 75 anos, Santa Rita) (Recorde-se a este propósito **Memórias da venda ambulante**, publicado em “ O Tomilho” n°32)

Para as peças de enxoval compradas já feitas, como mantas, cobertas ou atalhados, havia o hábito de as adquirir na feira anual de Santa Teresa, na freguesia de Vila Nova de Cacela ou na Feira da Praia, em Vila Real de Santo António.

A bibliografia sobre o tema dos enxovais dá destaque sobretudo ao linho como o tecido mais usado. Até à industrialização ter chegado ao mundo do vestuário e roupa do lar, as mulheres teciam os seus próprios tecidos a partir do linho. Para qualquer mulher, era essencial saber fiar e tecer para poder contrair matrimónio e por isso desde cedo as meninas eram introduzidas nestas artes.

“Fossem as mulheres do campo, as mulheres do povo, mas também as damas nobres e as princesas, todas trabalhavam para fiar, coser, bordar e rendar por vezes um simples pano de cânhamo, tecido em pequenos teares rudimentares.(...) Para as meninas pobres do campo, o bordado era uma obrigação, porque era a única maneira de terem um pouco de linho. Às vezes, o enxoval incluía apenas uma folha de cânhamo.” (<http://www.lestresorsdautrefois.com/IPBCPPlayer.asp?ID=403238>)

A partir do séc. XX, a expansão da indústria têxtil terminou pouco a pouco com a fabricação manual dos tecidos e a geração de mulheres que nasceu a partir dos anos 40 nesta localidade já usou exclusivamente tecidos manufacturados, como o algodão, cambraia, organdi, tecido Nossa Senhora da Hora (tecido melhor e mais caro), chita, casquinha de ovo (muito usado nos lençóis pela qualidade). As toalhas eram já em turco, levando frequentemente um bordado.

As poucas peças de linho das senhoras entrevistadas pertenciam ao enxoval das suas mães nascidas nos inícios do séc. XX. Referimo-nos nomeadamente a peças de vestuário interior e a toalhas de rosto e banho são ornamentadas com uma facha em renda ou bordado a ponto cruz feito pelas suas mães, na altura em que prepararam o seu enxoval.

Os pontos bordados aplicados nos trabalhos para o enxoval eram muitos: cheio, grillhão, crivo, reche-lieau, taiz, jugoslavo, russo, entre muitos outros que eram aprendidos pelas meninas. Eram escolhidos conforme o tecido, as linhas e os motivos de decoração que podiam ser letras (iniciais do nome da rapariga podendo mais tarde ser acrescentadas as iniciais do noivo) ou desenhos associados, por exemplo, à natureza (flores, folhas, etc.). O tipo de pontos era escolhido em função do desenho que se queria bordar. *“Escolhíamos desenhos para bordar a partir de revistas. Escolhíamos um, as cores os bordadinhos e fazíamos. Tínhamos vários pontos: o ponto cheio, por exemplo, era para as pétalas das flores. Fazíamos uns pezinhos de flor compridos à volta da dobra do lençol. Depois normalmente tinham florinhas miúdas. Eu não gostava assim muito de muitos arabescos. Depois era o ponto grillhão que servia para os troncos..”*(MJB, Santa Rita, 72 anos)



Amostra de pontos - espólio do Museu do Traje de S. Brás de Alportel



Toalha em linho tecida manualmente - espólio do Museu do Traje de S. Brás de Alportel

A dimensão dos enxovais remete-nos, não só para a região e época histórica em que foram feitos, mas também para a origem social e económica da família das noivas e era um factor de distinção social que as famílias mais abastadas faziam questão de marcar. Enquanto as meninas de famílias mais pobres não tinham condições para elaborar um enxoval, à medida que o poder socio-económico familiar ia aumentando, assim aumentava também a dimensão e a qualidade do enxoval: tecidos, rendas, bordados, linhas, etc. No contexto local (Cacela) e durante os anos 50 e 60, encontramos uma diversidade de situações que vão desde a inexistência de qualquer peça de enxoval (em seios familiares mais pobres) até enxovais



Toalha de mesa e respectivos guardanapos bordados por Maria Conceição Pereira, VNCacela

com, por exemplo, duas dúzias de lençóis com as respectivas fronhas e almofadões. Para além da roupa de cama, fazia parte do enxoval de quarto: colchas, dobras, naperons de mesa de cabeceira e cómoda e a roupa de higiene (toalhas de banho e rosto). Para a cozinha havia os panos para a loiça, naperons, toalha de cozinha, saco do pão, entre outros. A parte do enxoval relativo à sala/casa de jantar era constituído por toalhas de chá, toalhas de mesa, guardanapos e naperons.

Algumas senhoras incluíram também no enxoval as camisas de dormir feitas ou bordadas pelas próprias ou por familiares. *“Também fiz camisas de dormir em flanela (Inverno) e algodão, cambraia para o Verão.*

Eram feitas à mão e enfeitava-se com bordadinhos que já estavam feitos, nunca bordei camisas à mão. Eram tudo feito com bordadinhos, golinhas, botõezinhos, tudo muito rococó.” (MJB, Santa Rita, 72 anos)

Para além das peças que seriam usadas no quotidiano do casal, o enxoval incluía também algumas peças mais especiais, exclusivamente elaboradas para o dia do casamento nomeadamente, a toalha do copo de água (em renda ou bordada), o lençol de casamento, camisa de dormir para a lua de mel e, em famílias mais abastadas, o saco de enxoval.



Saco de enxoval - espólio do Museu do Traje de S. Brás de Alportel

“Para o lençol de casamento fiz uma renda grande e depois bordei tudo com linha de seda, umas flores. Era o lençol que se usava na primeira noite de casamento, o lençol de estreia. Só o usei no dia, nunca mais o usei. Usei-o na noite de casamento, depois foi lavado e assim ficou.” (MTM, VNCacela, 81 anos)

Todo o enxoval era guardado em arcas compradas para esta função em feiras da região. As arcas tinham uma tampa de forma abaulada e no seu interior possuíam tabuleiro que tinha por função separar as roupas de maior porte (no fundo da arca) das roupas de menor dimensão e mais delicadas.

É interessante sublinhar que muitas das peças feitas para o enxoval foram usadas pontualmente e muitas outras nem chegavam a ser estreadas, principalmente as que foram bordadas ou feitas à mão pelas próprias. O sentimento de preservar o trabalho que foi despendido durante anos na concepção do enxoval leva a que, para algumas senhoras, se tratassem de peças para serem guardadas e apreciadas mas não para se usarem no quotidiano. Hoje continuam guardadas nas cómodas das suas casas sem perspectivas de virem a ser usadas algum dia, nem por quem as fez nem pelos descendentes, hoje com hábitos culturais tão diferentes, fruto das sociedades de consumo.

Por isso mesmo, a concepção do próprio enxoval deixou praticamente de ter expressão para as mulheres que nasceram a partir do final dos anos 60, inícios de 70. Para além da vida das mulheres ter mudado radicalmente, com o aumento da escolarização e da entrada no mercado de trabalho, a indústria têxtil cresceu de tal forma que hoje a oferta de roupas para o lar é enorme trazendo uma diversidade de opções com uma nova noção de estética que muito difere da tradicional. Apesar disso, e tratando-se de moda, os bordados e rendas têm voltado a fazer parte dos têxteis de lar e do vestuário nos últimos anos, com novas aplicações.

Fontes orais:

Maria da Conceição Pereira, nascida em 1948, natural da Manta Rota.

Maria José Batista, nascida em 1950, natural de Santa Rita.

Maria Raquel Batista, nascida em 1944, natural de Santa Rita.

Maria Teresa Campinas, nascida em 1941, natural do Sítio da Ponte.

Suzel Bento, nascida em 1946, natural do Sítio da Marcela.

ANTIGAS TRADIÇÕES E CRENÇAS LIGADAS AO CASAMENTO

Namorar, casar e perpetuar a família eram os passos espectáveis e desejados para as jovens meninas. Era para a vida de mulher casada, e para as lides da casa, que se iam preparando enquanto ajudavam a cuidar de irmãos mais novos e, com a sua mãe, amassavam o pão, preparavam a barrela para a roupa, aprendiam a fiar o linho e a lã, costuravam e bordavam.

O casamento era para a jovem um importante ritual de passagem e, por isso, o antes, o durante e o depois está impregnado de simbolismo e era acompanhado de tradições diversas e rituais divinatórios e propiciatórios, que ajudavam a saber com quem e quanto tempo faltava para casar e a garantir protecção para a vida de casada com harmonia, riqueza e filhos.

ANTES DO CASAMENTO

Santos Casamenteiros. Sortes e adivinhações

Era muito comum recorrerem, as moças que se queriam casar, a santos casamenteiros. São santos da especial devoção dos namorados: S. Gonçalo de Amarante, Santo Amaro, São Pedro, Santo António e São João, estes últimos, celebrados por ocasião do solstício de Verão.

Pelo São João são bem conhecidas as sortes e adivinhações no que concerne a namoros e casamentos. Nessa altura “se fazem os mais variados oráculos na madrugada fresca e milagrosa da sua festa, as sortes, que todo o anno são esperadas: depois dos saltos das fogueiras, na véspera, vêm os bochechos, o chumbo derretido ou o ovo num copo de agua, a alcachofra queimada, trevo de quatro folhas, etc. Perscrutam-se os nomes dos noivos, em sorteios; escuta-se o primeiro nome ouvido de manhã com o bochecho na bocca, ou o do pobre a quem se dão os cinco-reis deitados á fogueira da véspera.” Documentava Luís Chaves em 1922, registando ainda algumas quadras alusivas:

*Hei-de ir deixar ao relento
uma folha de figueira;
se S. João a orvalhar,
hei-de encontrar quem me queira.
(Figueira da Foz)*

*Esta noite deito sortes;
S. João vae declarar
o nome do namorado,
que commigo ha-de casar.
(Figueira da Foz)*

*Hei-de erguer-me bem cedo
na manhã de S. João;
a vêr se a minha alcachofra
está florida ou não.
(Figueira da Foz)*

Persistiram durante séculos estes oráculos das raparigas «casadoiras», principalmente na fase decisiva dos amores. Nas mondas alentejanas, para saber se o rapaz lhe queria bem, a moça metia à boca uma espiga de trigo, ou de centeio; se a espiga abria, florescia, ela era feliz, pois ele queria-lhe bem; se não abria, era desgraçada.

Também no Alentejo se deitava uma folha de oliveira ao lume, por alguém. Se ficava encaracolada e estalava, era sinal de que a pessoa, por quem se deitava, queria bem a quem consultava o lume; se ardia quieta, queria-lhe mal. (Luís Chaves, 1922)

Para saber o tempo que lhe falta para casar devia a moça solteira perguntar, quando ouvia o canto do cuco:

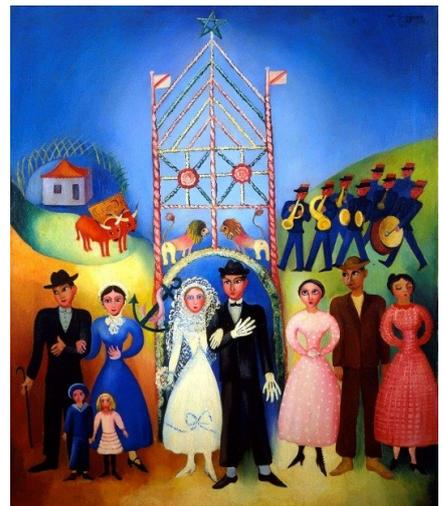
*Ó cuco
D'além do mar,
Quantos anos me dás
Para eu me casar?*

Os anos que faltarem serão tantos, quantas as vezes o cuco repete o canto. (José M. Adrião, 1900)

Tradições, superstições e presságios

Há coisas que as noivas devem fazer ou evitar fazer, e muito do que acontece na fase que antecede o casamento está carregado de sinais e presságios.

Para alcançar o desejado momento do matrimónio, a moça deveria respeitar certas interdições:



Casamento na aldeia, Sarah Affonso, 1930

não ajudar a costurar o vestido que outra levaria ao altar, não ser madrinha de nenhum casamento, estando à mesa não oferecer palitos a ninguém, não pôr na cabeça chapéu de homem, não ir com o namorado ao cemitério. (Benedita Araújo, 1997)

A lista pode ainda ser acrescentada:

“Não podem os noivos trocar prendas que piquem, como tesouras, alfinetes, agulhas, etc. porque elas «picam o amor». Dar um lenço é apartamento, pois serve para dizer adeus. Esquecer-se a noiva do anel, que o noivo lhe tenha dado, é indício de esquecimento entre os noivos. Se os dois lavam as mãos na mesma água, há rixa.

Se bebem no mesmo copo, descubrem os mútuos segredos. Livrem-se os noivos de ir passear a um cemitério. Fúnebres dias os esperam. A noiva não deve de por forma alguma tratar do seu vestido de casamento, nem tampouco ela fará a cama de noivado. E se outra moça veste por brincadeira o vestido da noiva, perde aquela o seu casamento. Pobres dos noivos, se no dia do casamento ouvirem cantar um gallo; passarão vida atribulada entre ralhos e questões constantes, um com o outro.” (Luís Chaves, 1922)

Ainda hoje se ouve: *“Ao varrer a casa se estiver alguém por perto, deve-se mandar afastar para não haver a possibilidade de lhe varrer os pés, senão... não casa!”* (M. Rosário Afonso, 2015)

NO DIA DO CASAMENTO

Rituais de protecção e propiciatórios de fartura e abundância

A noiva devia levar consigo ao altar três moedas de ouro, mesmo que emprestadas, para assegurar fartura e abundância na sua futura casa. Também devia colocar uma moeda na palmilha do pé esquerdo. O ideal seria uma “joanina”, moeda de D. João I, considerada com virtudes diversas.



Para ser feliz e viver em paz e harmonia com o marido era importante vestir no dia do casamento 3 coisas emprestadas, uma deveria ser azul. Noutras versões, uma devia ser já usada.

Também era comum, em algumas regiões, a noiva perfumar-se ao sair de casa com alecrim, salva e arruda para afastar invejas. (Benedita Araújo, 1997)



Na verdade, as flores e certas plantas são benfazejas e carregam um simbolismo de protecção para os noivos. A flor de laranjeira, símbolo de virgindade, pureza e inocência, continua a associar-se à noiva que a usa, no dia do casamento, em ramo na mão, na cabeça, ou ao peito.

No Algarve *“o pessoal do Povo, os parentes e os amigos, preparavam arcos de flores para os noivos passarem por baixo e lhes dar sorte. Armavam-nos à saída da terra consoante o caminho do acompanhamento.”* (Glória Marreiros, 1999)

Também era tradição dar aos noivos, um raminho de oliveira, ou atirarem-lhes folhas prateadas dessa árvore sagrada, ligada à paz. No Alentejo, ao entrarem os noivos em casa, os padrinhos atiravam-lhes das janelas flores desfolhadas e trigo. Acreditava-se que o trigo traria abundância e fartura ao lar. (Luís Chaves, 1922)



Prever o futuro para os casados

As condições atmosféricas no dia da boda, podiam ajudar a predizer o futuro. *“É bom chover no dia do casamento porque faz os noivos felizes e ricos. Lá diz o povo: Boda molhada, boda abençoada.”* (M. Rosário Afonso, 2015)

O “céu encarneirado” muito azul com nuvens brancas era também um bom presságio. Era ao contrário de mau augúrio o desaparecimento do sol com o surgir de nuvens negras ou o horizonte a raiar-se de vermelho. (Benedita Araújo, 1997)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADRIÃO, José M., “Tradições Populares” in *Revista Lusitana*, Ano 6º, (1), 1900.
 AFONSO, M. Rosário, *Retalhos de Memórias da Freguesia de Santo Estevão Tavira*, Ed. Autor, 2013.
 ARAÚJO, Benedita, *Superstições Populares Portuguesas*, Ed. Colibri, Lisboa, 1997.
 CHAVES, Luís, *O Amor Português*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1922.
 MARREIROS, Glória, *Um Algarve Outro. Contado de boca em boca*, Livros Horizonte, Lisboa, 1999.

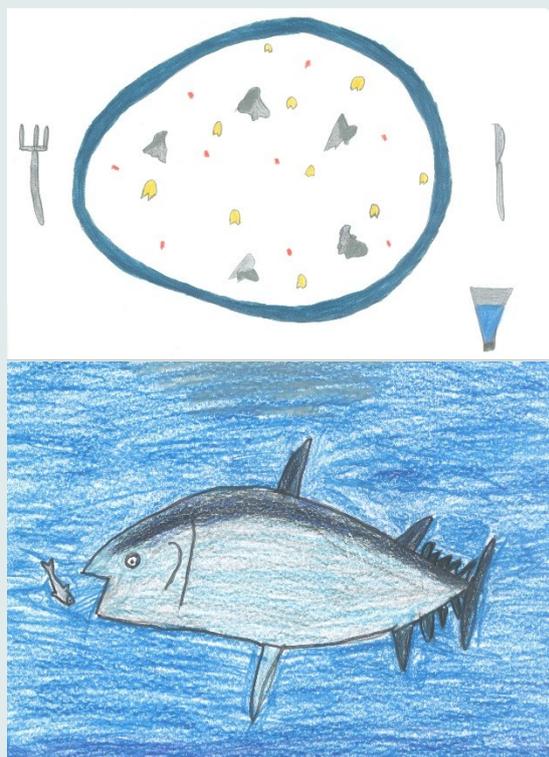
RECEITA



Peles de atum guisadas, Maria Teresa Campinhas

INGREDIENTES

- Peles de atum com carne
- Cebolas
- Tomates
- Pimentos verdes
- Azeite
- Louro
- Cominhos
- Batatas



Desenhos de Tomás Vila Nova e Tatiana Simão, alunos de turmas que integraram o projecto educativo **O que comiam os nossos avós? A alimentação no Sotavento Algarvio**, desenvolvido pelo CIIPC/MVRSa em 2012

Preparação

- Começa-se por escamar as peles de atum e dá-se uma cozedura.
- Faz-se um refogado com azeite, muita cebola, tomates, folha de louro e cominhos.
- Cortam-se as peles aos pedaços e junta-se ao refogado juntamente com as batatas peladas e cortadas às rodelas.
- Tempera-se com sal e fica a estufar.
- Quando estiver cozido, tira-se do lume e está pronto a servir.

BOM APETITE!



PATRIMÓNIO ORAL

Conto As três fiandeiras

Versão recolhida pelos Irmãos Grimm

Era uma vez uma rapariga preguiçosa que não queria fiar, e a mãe, por mais que insistisse, não conseguia convencê-la. Por fim, a mãe perdeu a paciência, zangou-se e bateu-lhe até a rapariga ter começado a chorar muito alto. Aconteceu que, mesmo nessa altura, ia a rainha a passar em frente à casa e, quando ouviu chorar assim tão alto, mandou que parassem a carruagem, entrou e perguntou à mãe porque batia na filha a ponto de se lhe ouvirem os gritos. Então a mulher, com vergonha de revelar a preguiça da filha, disse:

- Eu não consigo que ela pare de fiar, só quer fiar e mais fiar, e eu sou pobre e não posso arranjar linho.

A rainha respondeu:

- Dai-me a vossa filha, que ela venha ao castelo, tenho linho bastante, ela poderá fiar o que quiser.

A mãe deixou-a ir da melhor vontade e a rainha levou a rapariga.

- Agora fia-me este linho – disse-lhe – e, se conseguires, terás por marido o meu filho mais velho. Não me importa que sejas assim pobre, a tua vontade de trabalhar é dote suficiente.

A rapariga ficou aflita, pois mesmo que fiasse de manhã à noite durante três séculos não conseguiria. No seu desespero chegou-se à janela, apercebendo-se então que três mulheres se aproximavam: a primeira tinha um pé espalmado e muito largo, a segunda um lábio tão grande que lhe caía em cima do queixo, a terceira um polegar achatado. Pararam debaixo da janela, olharam para cima e perguntaram à rapariga o que é que ela tinha. A rapariga queixou-se da sua má sorte. Elas ofereceram-lhe ajuda e disseram:

- Se nos quiserem convidar para a tua boda, se não te envergonhares de nós, se disseres que somos tuas primas e nos sentares à tua mesa, então fiamos-te o linho, e em pouco tempo.

- Com o maior prazer – respondeu a rapariga. – Entrem e comecem o trabalho.

A rapariga escondia da rainha as três fiandeiras, de todas as vezes que ela vinha só lhe mostrava a porção de linho fiado e os elogios da rainha não tinham fim. Não levou muito tempo que tudo estivesse acabado. Então as três mulheres despediram-se e disseram à rapariga:

- Não te esqueças daquilo que nos prometeste: aí estará a tua felicidade.

Quando a rapariga mostrou à rainha a montanha de fio, combinou-se o casamento; o noivo, satisfeito por ter arranjado mulher tão diligente e prendada, não se cansava de elogiá-la.

- Tenho três primas – disse a rapariga – e, como elas me fizeram muito bem, não queria esquecê-las na minha felicidade. Permite que as convide para a boda e que venham sentar-se à nossa mesa.

A rainha e o noivo disseram: “Por que razão não havíamos de permitir?”

Quando a festa começou, entraram as três mulheres, vestidas de maneira singular, e a noiva falou-lhes assim: “Sede bem-vindas, queridas primas!”

- Ai – disse o noivo -, onde arranjaste estas parentas tão horrorosas? E em seguida foi ter com a mulher que tinha o pé espalmado e perguntou-lhe:

- Porque tendes um pé tão espalmado e largo?

- É de calcar o pedal – respondeu ela – é de calcar o pedal.

Foi ter com a segunda e perguntou: “Porque tendes o lábio tão caído?”

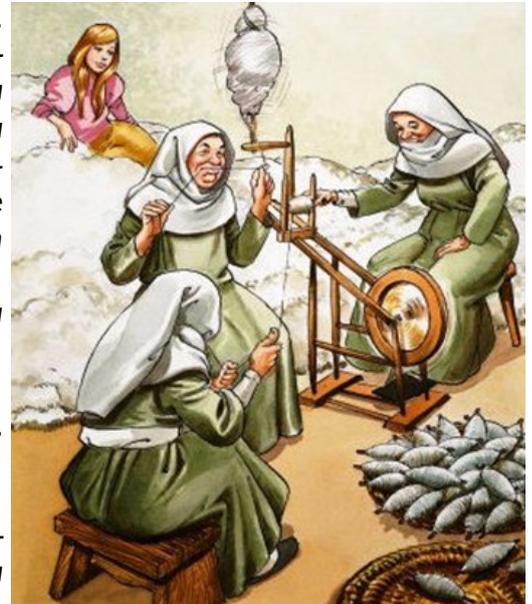
- É de lamber o linho – respondeu ela – é de lamber o linho.

Então perguntou à terceira: “Porque tendes vós o polegar tão achatado?”

- É de torcer o fio – respondeu ela – é de torcer o fio.

Com isto se assustou o príncipe e disse: “Nunca mais a minha noiva tão linda tocará numa roca.”

E foi assim que ela se livrou de fiar.



VAI ACONTECER...

EXPOSIÇÕES

“PROFISSÕES ANTIGAS DE CACELA”

Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela /CMVRS

Antiga Escola Primária de Santa Rita

Horário

De segunda a sexta-feira

9h00 – 13h00 e 14h00 – 17h00



OFICINAS (sujeitas a inscrição prévia)

Inscriva-se com antecedência, deixando o nome e contacto

VAMOS CONSTRUIR UMA MARIONETA

Com a professora de artes Elisabete Isabel

CIIPC, Santa Rita

26 de Junho (Domingo), das 15h00 às 18h00

Para público em geral

Valor - 6€ /pessoa ; 10€ /adulto e criança

(A reverter directamente para a orientadora)



PASSOS CONTADOS -

Passeios pedestres de interpretação da paisagem

(Valor de inscrição 5 €. As participações são limitadas e carecem de inscrição prévia)

MOINHOS DE ÁGUA E DE VENTO EM CACELA

Com os historiadores Luís Palma, Catarina Oliveira e a socióloga Susana Araújo

22 Maio (Domingo), às 9h30 em Santa Rita



MANTA ROTA. ORIGENS, TRADIÇÕES E MUDANÇA

4 Junho (Sábado)

Com o arquitecto Carlos Henriques Ferreira e pescadores da Praia da Lota

Ponto de encontro: 9h30 na Manta Rota

FESTA EM HONRA DE SANTA RITA

Organizado pela paróquia de Cacela Velha e Associação

“Santa Rita. A nossa Aldeia”, com o apoio do município de

Vila Real de Santo António

Aldeia de Santa Rita

22 de Maio (Domingo)

A partir das 16h

Quermesse, recitação do terço e missa seguida de procissão



Lenços de Namorados - Alguns dizeres

A menina se quer saber
Como agora se namora
É com o lenço no bolso
Co'uma pontinha de fora

É tancerto eu amarte
Como o lenço branco ser
Só deixarei de te amar
Quando o lenço a cor perder

Coração por coração
Amor num troques o meu
Olha que o meu coração
Sempre foi lial ó teu

Bai carta feliz buando
Nas asas dum passarinho
Quando bires o meu amor
Dále um abraço e um veijinho

Quadras retiradas do livro de Teresa Perdigão (2002), Tesouros do Artesanato Português—Têxteis, Editorial Verbo.



Câmara Municipal
Vila Real Sto. António

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Vila Real de Santo António / Divisão de Cultura e Educação

Coordenação e redacção: Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela

Colaboração: Célia Freitas, Emanuel Sancho, Maria da Conceição Pereira, Maria José Batista, Maria Raquel Batista, Maria Teresa Campinas, Suzel Bento

Contactos:

Tel: 281 952600

Email: ciipcacela@gmail.com

Facebook: CIIPCACELA